CONHECIMENTOS UTEIS.

FACIL CREAÇÃO DE OLIVAES NOVOS.

1338 N'um jornal francez de octubro ultimo achamos uma receita, que offerecemos aos juizos e experimentação dos lavradores, e que a ser efficaz, como se diz e parece, poderá favorecer e apressar a augmentacção de um genero para nós tão precioso como é o azeite. Nas *Georgicas Portuguezas* diz o Sr. Mousinho: —

«¡Oh! quanto folgariam nossos netos,
«Se em alinhados renques, pelas terras,
«Para seu bem, lançassemos prudentes
«D'azeitona os caróços! Se imitando
«Das aves a licção, em largas dornas
«C'o pingue adubo e c'o a arenosa terra
«Accelerando a força germinante,
«Vencesse a arte a tarda natureza;
«E co'a cultura um olival surgisse
«De robustez, de duração eterna!

— E na verdade o zambugeiro, não por seus fructos naturaes, que apesar de darem superior azeite, são por sua pouquidade de minguadissimo valor, mas pela facilidade, com que se enxerta de oliveira mansa, e por sua notoria longevidade, merece que estes votos do poeta sejam escutados e cumpridos.

Uma grave difficuldade se oppunha a isso — e era que a ferrenha e oleosa natureza da parte exterior do caróço da azeitona, de que o zambugeiro se produz, custava muito á arte humana o vencel-a, sendo mistér para libertar o germen d'esses obstaculos, e tornal-o productivo atinar com uma calda, cujas virtudes e calor desfizessem aquella rispidez, como naturalmente o fazem em seu aparêlho digestivo as aves e quadrupedes, que, pascendo-se de azeitonas, são os unicos semeadores de zambugeiros. A receita, de que fallamos, serve para suprir estes remedios chimicos demorados e muita vez incertos por outro, mechânico, prompto e de seguro resultado.

— «Havendo reparado *Martelly Chantard*, membro da juncta agricola de *Toulon*, que os caróços de pêcego quebrados germinavam sem nenhum trabalho, teve a feliz lembrança de fazer a mesma experiencia em caróços de azeitona e saíu-lhe ao pintar. Elle mesmo que vol-o conte. «No primeiro de março de 1841, quebrei caróços de azeitona. Separei das cascas o miolo com todo o cuidado para o não offender. Metti-o em terra n'uma estufa de plantas para horta (não carecemos nós cá, louvado Deus, de estufas para alfôbres). Mal eram passados vinte e tres dias nasceu-me tudo, e tudo de um modo uniforme: transplantei os meus comecilhos de zambugeiros para ar livre, foram para diante com quanta actividade vegetativa se podia de taes plantas esperar, a ponto de que hoje em dia todos aquelles pés teem já de altura de 18 até 23 polegadas, e uma polegada de grossura, diâmetro este sufficiente para receberem já na primavera de 1842 o seu enxêrto de borbulha.»

— «Tres observações fez elle sobre estas sementeiras de viandas ou miolos de azeitonas: em primeiro logar que as viandas semeadas na primavera não sairam n'essa estação, mas apesar de lhes faltar o resguardo da casca, aturaram sem prejuizo, e em octubro rebentaram ás mil maravilhas: em segundo logar que as sementeiras de outono germinam e brotam bem, mas que em lhes caíndo o inverno, como as acha mui tenrinhas, derrota-as: e finalmente que as oliveiras enxertadas não vegetam tanto a contento como os zambugeiros enxertados.»

— «Vamos agora a saber como é que se podem quebrar os caróços depressa e sem escandalisar o miolo: é facil; manda-se fazer uma especie de torquez ou quebra nozes com uma cavasinha ou cama á feição do caróço e um parafuso, ou tornilho, que lhe aperta as pernas ou ramos; e dando-se-lhe a uma porca promptamente comprime e faz rebentar quanto lá em cima aboccar. Com esta machinasinha tão simples, que a fará qualquer serralheiro de aldêa, uma pessoa com um poucochinho de uso a dar á porca e duas mulheres ou duas creanças a estremar as cascas das viandas, podem apurar por dia um bom milheiro de sementes.

A AGRICULTURA DE RASPAIL.

1339 Sr. Redactor. — Dignou-se V. no artigo 1269 da Revista Universal Lisbonense, dar noticia da minha traducção do *Curso elementar de Agricultura e de Economia Rural de M. Raspail*. Muito agradeço os não merecidos louvores, que tão liberalmente me prodigalisa. Sinto porém, que V. por essa mesma occasião, censurasse a Universidade de Coimbra de haver adoptado para compendio a propria obra original, em razão de ser estrangeira, e por isso, no seu intender, pouco accommodada ao nosso clima. N'este particular tenho eu diversa opinião; e ninguem por certo me suspeitará de parcialidade; por isso que, no mesmo artigo, inculca V. as minhas notas como correctivo aos suppostos defeitos do original (ou antes de sua applicação para entre nós): elogio na verdade que, se o eu podéra acceitar, fôra bastante para desconto de se chamarem *compiladas* essas mesmas notas *originaes* — provavelmente porque, dos livros, que consultei, me não quiz apropriar uma unica idéa, nem copiar uma só linha, sem n'os citar. Os que isso fazem são *escriptores originalissimos*, embora, em tudo quanto escrevem, não apresentem um só pensamento, que possam chamar seu. Mas voltemos ao assumpto, e permitta-se-me largar a fórma epistolar.

Intende a Revista, ou pretende fazer intender «que «não convinha ao nosso credito, o tomar-se por *vade-«mecum* em a nossa unica Universidade uma agrono-«mia de auctor estrangeiro, e perigrina ella mesma, «onde a cada passo se torna indispensavel o supprimir, «accrescentar, refutar ou modificar, segundo as dif-«ferenças que a terra e o clima das diversas latitudes «necessariamente hão-de produzir.»

Quanto a ser o livro de auctor estrangeiro, nada ha em particular que estranhar a respeito do compendio de Agricultura, quando é sabido que em quasi todas as mais disciplinas, tanto das sciencias naturaes como das chamadas positivas, se dá na Universidade de Coimbra por livros estrangeiros. Para que assim não acontecesse, no presente caso, ou se havia de adoptar um compendio nacional já publicado, ou compôl-o de novo. Ora, compendio já feito, não o ha: das poucas obras que temos, ninguem por certo nos apresentará uma só, que seja accommodada ao ensi-

no; isto é, que tracte a sciencia em todas suas partes, com a philosophia, clareza e concisão, que se requer n'uma obra classica. Restava pois fazel-a; mas aqui recrescem as difficuldades, que só póde ignorar quem não souber o que é um livro de sciencia, mormente um compendio, e mui particularmente um compendio de Agricultura, e se não lembrar ao mesmo tempo do improbo trabalho, que peza sobre o Lente, que quer dignamente reger a sua cadeira.

Admitta-se que o Lente, ao tempo de ser despachado, já tinha amplissimos conhecimentos das materias do ensino que vae encetar; ainda assim era mistér que a cadeira ficasse fechada por espaço de tres ou quatro annos, para elle coordenar um compendio, ao qual sempre faltaria a sancção, que só póde dar a pratica do ensino.

Mas, ainda quando o compendio fosse portuguez, feito por quem tivesse pratica da Agricultura e do ensino, nem assim escapava aos defeitos, que a Revista nota no *Raspail*. Porque o livro que se adoptasse para o ensino não havia de ser mais do que um (de certo se não pertende que se leia simultaneamente por meia duzia de compendios); logo especialmente accommodado a um determinado clima; logo *perigrino* para todos os outros climas.

Supponhamos que o livro havia sido escripto para o de Coimbra, que, ainda bem, offerece a vantagem de ser um clima medio. ¿Que succedia? — Que dos estudantes que alli tivessem aprendido por essa agricultura muito patriotica, um iria para o Alemtejo, outro para a Serra d'Estrella, outro para o Algarve ou para Traz-os-Montes, este para a Madeira, aquelle para Cabo-Verde, para Angola, etc. — e se cada um fosse a seguir o preceito do seu compendio, como a Revista suppõe que é forçoso seguir os de *Raspail*, faria a mais irrisoria e a mais desgraçada de todas as agriculturas. Ou, aliás, teria de dar grandissimos descontos ao que houvessem lido no seu *vade-mecum* especialmente composto para o clima medio de Portugal. ¿Ora, não será melhor que o professor, tomando, para texto de suas licções, uma agronomía de clima diverso, vá logo ensinando o modo de a ageitar, não a um determinado clima, mas a toda a sorte de climas?

Se os francezes fossem n'este ponto tão escrupulosos como a Revista quer que nós o sejamos, jámais o *Curso elementar de Agricultura* teria passado dos arredores de Paris; e todavia, não obstante a immensa diversidade dos climas, que reina em toda a França, ainda lá lhe não negaram os fóros de naturalidade, antes o adoptaram para ensino da mocidade. ¿Que muito que o mesmo se faça na nossa unica Universidade? A razão de credito nacional é muito boa; mas ha-de subordinar-se ás conveniencias nacionaes, e n'isto está a Revista de accôrdo comnosco. E então, antes ensinar a Agricultura por um bom compendio de auctor estrangeiro, do que fechar a cadeira por tres ou quatro annos, até que se faça um compendio nacional, que ha-de necessariamente ter os mesmos inconvenientes.

Se prevalecessem as razões allegadas pela Revista, egual motivo havia para que todas quantas agronomías se tem escripto até hoje, ficassem para sempre confinadas nos proprios logares, que as tivessem visto nascer. Catão, Columella, Virgilio, Olivier de Serres, Rosier, Sinclair, Dombasle, Thaer, e tantos outros, que, no seu louco amor da sciencia, julgaram escrever para todo o mundo, teriam sido, ás avessas de todos os mais, *prophetas só na sua terra*.

Esta mesma objecção, que estou combatendo, já eu a havia previnido, e lhe havia respondido no prefacio, que puz em frente do 1.º Tractado; porque emfim sabia que, apezar de infundada, não faltava quem a apresentasse. Seja-me permittido repetir o que alli escrevi.

«É tal a differença de climas de umas para outras provincias, que obra de Agricultura, que fosse em especial accommodada á Extremadura, já o não era ao Minho nem ao Algarve. Seria logo necessario fazer uma Agricultura para cada latitude, para cada exposição, e para cada gráu de elevação, que tantas são as condições que fazem diversificar os climas. E lavrador haveria que, sem duas ou tres Agriculturas, não podesse chegar ao cabo de suas fazendas. Regras geraes para conhecer as terras, arroteal-as, adubal-as e temperal-as; noticia e descripção dos diversos instrumentos agrarios; principios que regulem o lavrador nos differentes amanhos; exposição dos varios methodos de cultura etc., taes são os objectos sobre que ha-de versar qualquer Tractado de Agricultura; no demais deve cada qual accommodar-se aos usos, fundados na experiencia e directo conhecimento do terreno e clima que habita.»

E na verdade ¿quando é que o agricultor pratico foi procurar, n'um livro da arte, a épocha em que ha-de fazer a sementeira ou a colheita de qualquer genero de cultura? ¿Quem não ha visto, na mesma comarca, lavrar, semear, sachar, mondar e colher, cada qual em seu tempo, segundo sua propria experiencia lhe tem ensinado, muitas vezes com 15 dias e um mez de differença do visinho? Se quereis portanto instruir o lavrador portuguez, dae-lhe regras geraes, que a applicação elle a fará.»

Ora todos esses suppostos defeitos, que no mencionado artigo se notam, só podem recaír sobre a applicação (e ainda assim só no Tractado das *hortas* e dos *jardins*); ¿no mais quem póde negar a *Raspail* um saber profundo em tudo quanto constitue a sciencia do agricultor? Sua residencia em Paris (suppondo que elle não tenha cursado as diversas eschólas de agricultura, disseminadas por varios pontos de França) não lhe impedia, senão que lhe facilitava a acquisição dos conhecimentos necessarios para escrever um bom livro classico de Agricultura; porque n'essa mesma Paris lá tem elle estabelecimentos proprios para quaesquer estudos praticos sobre a sciencia agronomica.

Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva.

Quando se publicou o ultimo caderno da agricultura de Raspail traduzido em portuguez, dissemos ácerca d'este livro a nossa humilde opinião em o numero 19 da Revista. — Dissémos do traductor o bem que elle merecia; — da obra o bom e o mau que nos parecia haver, não tanto n'ella como na sua applicação a Portugal. A carta ou artigo que recebemos do Sr. Figueiredo, e que acima publicámos, nos mostrou, se não que tinhamos andado errados no nosso juizo, ao menos que haviamos desagradado ao digno traductor. É o que por via de regra acontece to-

das as vezes que um pobre jornal se não limita ao simples annuncio, ou ao elogio raso, que val o mesmo. N'este ponto porém, a consciencia de ter feito um bom serviço á sua patria produziu talvez que os nossos sinceros e amigaveis reparos não fossem recebidos pelo Sr. Figueiredo, não dizemos com equanimidade, que nunca é muita nos auctores e traductores pelo que toca ao seu filho querido, mas com as apparencias de stoicismo e desafogo com que elles costumam receber commummente os suffragios, ou censuras da imprensa periodica.

Na especie de irritação em que se fica ao acabar de ler um artigo de crítica litteraria relativo a escripto nosso, e que nos desagrada — irritação a que talvez os medicos poderiam chamar *febre auctorica* — se pegamos na penna para desforço, succede escaparem-nos expressões de que muitas vezes temos depois de arrepender-nos, porque vem a provocar desagradaveis retaliações. Deve n'este caso o jornalista ser prudente como certo juiz que havia proferido uma sentença de morte: — caso mui sabido. O Sr. Figueiredo não se pôde esquivar á lei geral da fraca humanidade, quando chegou áquelle ponto em que a sua carta se transforma em artigo: *desinit in piscem*. «Intende a Revista ou pertende fazer intender etc.» — começa elle. N'esta phrase; n'estas duas orações separadas por disjunctiva cruel, ha uma suspeita d'immoralidade lançada sobre nós, a qual nem o que tinhamos escripto, nem a nossa amizade para com o Sr. Figueiredo nos consentia esperar da sua parte, e que taxariamos de brutal e insensata, se não viesse de pessoa cuja delicadeza e siso são geralmente reconhecidos. A redacção da Revista nunca pertende fazer intender senão aquillo que intende: estamos certos de que o Sr. Figueiredo será o primeiro a proclamar esta verdade, logo que possa olhar para a questão com a sua habitual prudencia, generoso ânimo, e sangue-frio.

Parece-nos que o coração do Sr. Figueiredo o enganou ao imaginar que offendêramos a Universidade. Aqui o amor de filho junctou-se ao amor de pae para elle se agoniar comnosco. Foi sina e desgraça nossa. Tinhamos dicto que não examinariamos se a Universidade havia feito bem ou mal em adoptar o curso de Raspail para compendio. Se não examinámos não julgámos; se não julgámos, não condemnámos. Era questão essa para nós difficultosa de resolver. E porque? Porque de um lado estava o nome de Raspail e o pêso da opinião da Universidade; do outro as considerações de senso commum que apontámos contra essa adopção. Foi para isso que as trouxemos a lume: eram documentos para o processo. Fizemos o papel d'escrivão d'autos, e o Sr. Figueiredo vestiu-nos a béca de desembargador.

Logo avaliaremos as razões da defensa, já que vieram. Agora voltaremos á carta antes de se transformar em artigo: *Mulier formosa supernè*.

É ahi que apparece — em nosso intender, e intendemos o que dizemos — a razão principal da carta articulada ou artigo epistolar que nos dirigiu o nosso amigo o Sr. Figueiredo. Parece que o digno traductor tomou á má parte o louvarmos que elle houvesse enriquecido a sua traducção de notas originaes sabiamente compiladas. Sincera e chãmente nos exprimimos assim, e não sabemos se acaso são relativas a nós as allusões aos escriptores que se aproveitam de idéas alheias callando o nome de seus donos. Permitta Deus que não. Pelo menos cremos que assim será, porque fôra improprio do character franco e leal do Sr. Figueiredo o não apresentar peremptoriamente as provas de tão grave accusação litteraria.

Mas venhamos ao ponto. A agricultura é uma sciencia de doctrina e de pratica: as doctrinas suppoem-se certas quando são apresentadas por um homem n'ellas eminente, e muito mais quando cremos esse homem o primeiro entre os mais eminentes. Não eram pois as doctrinas de Raspail, tomadas absolutamente e em si, que o Sr. Figueiredo podia modificar nas suas notas: estas não tinham portanto outro objecto senão modificar aquellas doctrinas pela pratica, e a pratica em agricultura é varia segundo não só os diversos climas, mas tambem segundo as condições economicas, industriaes, estadisticas, e até de propriedade, de cada paiz ou de cada provincia. Posto isto, segue-se, que traduzindo o Sr. Figueiredo o curso de Raspail para portuguez, era pela pratica portugueza que o havia de modificar. Ou muito nos enganamos, ou o que levamos dicto é d'extremo rigor logico.

¿Porque pratica portugueza devia, porém, o Sr. Figueiredo modificar as doctrinas do auctor que vertia? Ou pela propria, ou pela alheia. Se pela alheia, necessariamente compilava: e então as suas notas sendo tiradas ou dos escriptos que ha em nossa lingua sobre a materia, ou da tradição oral dos homens illustrados e experientes, em ambos os casos eram compilação; e todavia não deixavam de ser originaes relativamente á traducção. A originalidade está no bom juizo com que o Sr. Figueiredo soube applicar essa experiencia á generalidade da doctrina: em fazer saír a chispa da applicação pratica do fuzil portuguez e da pederneira franceza.

Havia é verdade uma originalidade mais completa em ser a propria experiencia d'onde o Sr. Figueiredo tirasse as modificações de Raspail; mas foi justamente por essa causa que nós nos exprimimos assim. Ligados por antiga amisade com o illustre traductor, sabiamos que occupado sempre em largos e difficeis estudos theoricos, nunca tractára a agricultura praticamente. Nem isso lhe é desdouro. Quem tão moço tem aproveitado tanto tempo sobre os livros, mal poderia havel-o desbaratado sobre a enchada, o arado, ou a podôa. Se, porém, nós insensatamente quizessemos esconder uma coisa que bem longe estava de ser deshonrosa ao nosso amigo, quem tivesse lido o livro de que tractavamos nos suspeitaria de má fé com mais razão do que o dicto nosso amigo nos suspeitou. Se o Sr. Figueiredo tivesse pratica sua, não dizemos a de qualquer grande agricultor, mas a de um simples hortelão, ¿teria acaso deixado passar sem correctivo algumas coisas que em França serão muito sérias, mas que em Portugal fariam estourar de riso o mesmissimo Heraclito? Por certo que não, até porque é impossivel quizesse que Raspail passasse aos olhos de muita gente, que não sabe o que vae pelo mundo, por um grandissimo maganão.

¿Quem se não rirá de ler, por exemplo, que o feijão se cultiva como as ervilhas, sem mais particularidades, sendo culturas diversissimas feitas até em oppostas estações, e que os melões se semeam em estufas, e se transplantam quatro vezes? ¿Quem se poderá conservar serio, lembrando-se que um auctor de París

ha-de ensinar os vinhateiros de Portugal a amanhar cepas? Se elle nos ensinasse o modo d'exportar alguns milhares de pipas d'excellente vinho do Porto, que nos ficam todos os annos nos armazens de Villa-Nova, era coisa de agradecer. Não aconselhariamos nós a Raspail dissesse a nenhum quinteiro do Campo-grande que as alfaces se criam debaixo de mangas de vidro, e como se não fôra bastante gastar taes melindres com as alfaces, accrescentasse que se deve applicar tambem uma dóze de manga á herva mais pifia, mais impertinente, mais praga das hortas — ¡ a boldroega! Tanto valia pôr uma vidraça sobre o escalracho. Se tal affirmasse o bom do francez arriscava-se a levar com um encinho pela cabeça ou com uma alface repolhuda, creada ao ar de Deus, pelos peitos, a guisa de penedo, e mais, não ganharia demasiado na troca.

Apontámos estas coisas ao acaso: podiamos apontar um avultado numero d'ellas similhantes. Se o Sr. Figueiredo tivesse experiencia d'agricultnra veria que uma grande parte dos preceitos praticos de Raspail são inapplicaveis ao nosso paiz, e que nos restantes ha muitos que para qualquer seareiro, vinhateiro, quinteiro ou hortelão são regras trivialissimas do officio, e o foram já para seus paes e avós.

Sentimos na verdade que o illustre traductor de Raspail nos obrigue a responder com tanta miudesa ao seu artigo demasiado acre. Mas não fomos nós; foi elle que nos trouxe a este passo estreito. Sentimo-lo porque seremos importunos ao nosso amigo, e faremos, talvez, sem o querer, mal ao seu livro, que apesar de tudo, nos parece mui bom, principalmente no que toca aos principios geraes, quanto nós profanos o podemos avaliar.

Vamos agora á defensa da escolha feita pela Universidade: ella ahi fica estampada. Vê-se perfeitamente que foi escripta n'aquelle repente e impeto, que levou o Sr. Figueiredo a tractar-nos com tanto desamor. A primeira razão — a difficuldade de fazer um compendio nacional — parece-nos de pouco vulto. O compendio da Historia do Direito Patrio do Sr. Coelho da Rocha, o d'Economia Politica do Sr. Forjaz, o de Direito das Gentes do Sr. Ferrer, etc. fizeram-se, e as cadeiras respectivas nunca deixaram de ser regidas. Dir-se-ha que a agricultura é sciencia mais difficultosa? Talvez. Mas não somos nós, nem o nosso amigo quem póde resolvel-o. Para dar a sentença fôra necessario conhecer fundamentalmente todos esses ramos do saber humano. Sem isso a comparação é impossivel. Vem depois a consideração de que o compendio original portuguez teria os mesmos inconvenientes que o de Raspail. Parece-nos muito apertar. Não fallando das colonias, que para a questão vem demasiadamente arrastadas, visto que não ha-de ser em Coimbra, que se ensíne a desbraval-as, e que para as mangas de vidro e estufas ainda estão o que quer que é atrazadas, — desejariamos nos insinuasse o Sr. Figueiredo ¿ qual é a especie de cultura portugueza, não dizemos de grande, mas de mediocre importancia, que haja n'uma provincia e que seja impossivel fazel-a naturalmente n'outra qualquer em virtude da differença de clima, se exceptuarmos as serranias da Estrella ou do Gerez, que são apenas alguns tractos de terreno proprios para mattas (principalmente de Lariços) de que tanto carecemos? ¿ Em que terras de mediana elevação é impossivel a cultura d'este ou d'aquelle cereal, d'esta ou d'aquella arvore; d'esta ou d'aquella planta hortense que n'outra terra de Portugal prospere? Isto é muito pequeno: deixemos essas presumpções para a França. Não é preciso ser agrónomo para ver que o predominio de certa ou certa cultura n'uma ou n'outra provincia procede mais do que das variedades de climas, da maior ou menor divisão de propriedade, de mais plano ou ondeado do solo, da maior ou menor abundancia d'aguas, e de mil outros accidentes, em que entram por grande parte os habitos arreigados no povo, que não os muda com a mesma facilidade com que nós os que aramos e cavamos sobre o papel mudamos de camisa.

O ultimo argumento a que recorreu o nosso amigo o Sr. Figueiredo, para acabar de nos enterrar em vida, foi um, tirado do seu mesmo livro; *ex visceribus caussae*. Magoou-nos em verdade que lançasse mão de arma tão irresistivel — não contra nós, mas contra si proprio. Não a teriamos ído buscar, por certo; fôra pouco generoso da nossa parte. «Regras geraes — disse e diz o Sr. Figueiredo — para conhecer as terras, arroteal-as, adubal-as e temperal-as; noticia e descripção dos diversos instrumentos agrarios; principios que regulem o lavrador nos differentes amanhos; exposição dos varios methodos de cultura etc. taes são os objectos sobre que ha-de versar qualquer tractado de agricultura: no demais deve cada qual accommodar-se aos usos fundados na experiencia e directo conhecimento do terreno e clima que habita.» ¿Qual é, porém, a consequencia d'estas eternas verdades tão bem pensadas como escriptas? É que a seguil-as á risca teria o nosso amigo eliminado do seu livro talvez metade: ou, emvez d'isso, teria feito um melhor trabalho original sobre a materia valendo-se dos proprios recursos theoricos. Estamos certos de que o Sr. Figueiredo não buscará valhacouto em dizer que o seu proposito era traduzir um livro e não fazer uma obra nova. Seria uma petição de principios, e o Sr. Figueiredo é mui habil logico para caír em tão grosseiro sophisma. Um livro de utilidade material não se traduz senão porque é util: a parte que não o é podia-se deixar ficar em París, e ficava bem. Como modelo d'eloquencia e de stylo não valia a pena de traduzir Raspail. Bastava qualquer pedaço de prosa de Chateaubriand ou de Lamartine.

Temos feito uma longa arenga e ainda não dissémos tudo. Irá se for preciso. Agora acabaremos por duas reflexões, uma nossa, outra alheia, que não sabemos se virão a proposito. Em todo o caso eil-as ahi.

É nossa opinião que em escriptos destinados a classes numerosas, e geralmente pouco cultivadas como são os homens do campo, é necessario vigiar que não se apresentem idéas e doctrinas senão muito averiguadas e applicaveis; porque desde o momento em que ahi acharem coisas contrarias ás verdades que lhes tem ensinado uma longa experiencia, menospresarão tudo o que se contém no livro, sem distinguirem o bom do máu, de modo que emvez de fazerem verdadeiros progressos e de abandonarem o que nas suas usanças e preoccupações ha de atraso e ignorancia, desconfiarão de tudo o que lhes diz um homem que, segundo elles, os quiz enganar. As consequencias que d'aqui se seguem são faceis d'avaliar.

Citaremos por fim as palavras de um agrónomo francez, que não affirmamos virem a ponto; mas que nos

parecem um bom correctivo, em geral, contra quaesquer exagerações scientificas em agricultura. É Mr. de Labaume, presidente da sociedade real agricola do Departamento de Gard, quem isto escrevia em 1839.

. . . . . .

«Procuremos conhecer todas as opiniões, e não despresemos as dos camponezes e dos lavradores, que são muito menos ignorantes do que nós queremos suppol-os — nós cultivadores de gabinete. Não menoscabemos com sobrecenho altivo as usanças, que são a fonte caudal do que sabemos verdadeiramente util em agricultura: não nos esqueçamos de que na theoria d'esta sciencia não ha mais que probabilidades, e que a certesa só se acha na pratica. Não nos fiemos nas façanhas que nos contam periodicos: precatemo-nos para não caír no palavreado dos cartazes; e não imitemos certos papalvos para quem só vindo de longe, sendo desconhecida, ou tendo nome arrevesado, é que qualquer coisa é boa.»

Pedimos perdão ao nosso illustre e sabio amigo de havermos exposto as nossas idéas, não com a gravidade cathedrática devida ao assumpto e ao disputador, mas, *per modum sermonis*, em stylo desegual, sincero e caseiro: — é este o com que melhor nos havemos, e o que folgamos sempre de empregar com aquelles com quem tão longamente o praticámos nos juvenis e saudosissimos serões da nossa Coimbra. A amisade, que temos, e procuraremos conservar sempre com o Sr. Figueiredo lá começou: — desejamos que d'isso se lembre em pegando na penna; e que a nossa disputa se assemelhe menos a uma carrancuda polémica de theologos e hereges do que a uma desenfadada conversação em vesperas de sabatina:

«. . . . . ridentem dicere vera»
«Quid vetat.»

INDUSTRIA PORTUGUEZA.

Instrumentos de sópro.

1340 É uma triste verdade, mas mais triste em suas consequencias o pertender negal-a — que em quasi todos os ramos da industria nos achamos mais atrazados que a maior parte das nações da Europa. — Os que nos figuram tão adiantados como qualquer outra nação, trabalham, sem n'o saberem, no mesmissimo sentido que os que desejariam ver-nos ainda mais atrasados. O mal não se cura sem se conhecer. A vã presumpção de que em tudo egualamos ou excedemos os estrangeiros, faz-nos desdenhosos para com os progressos que a industria vae fazendo entre elles, neutralisa os beneficos resultados da concorrencia, e tende a perpetuar e a sanctificar o atraso em que estamos. Pelo contrario, confessar a verdade que deixamos enunciada, é reconhecer que podemos e devemos aperfeiçoar-nos. Ao falso desar, que d'ahi se julgue por ventura provir, responda-se com outra verdade incontestavel; — que os portuguezes teem para todas as artes tanto genio, tanta aptidão e tanta habilidade, como os povos mais cultos do mundo.

Por se haverem confundido coisas tão diversas; por se não ter distinguido entre o genio e a instrucção, entre a habilidade e o desempenho, entre o que somos e o que podemos ser, é que tão pouco se tem feito entre nós, por levar as artes ao ponto de perfeição, a que podem chegar.

Os que dizem «*não podemos ser nada*» tiram por conclusão «*é escusado trabalhar por sermos alguma coisa*» — Os que dizem «*tudo sabemos*» accrescentam mui logicamente «*nada precisamos aprender.*» E ahi está como, por dois caminhos oppostos, se chega ao mesmo ponto — a sanccionar o *statu quo*, o absurdo principio da não perfectibilidade da nossa industria. O que dizemos da industria, devemos tambem dizel-o, ainda mal, das sciencias, da administração, de tudo.

Prova viva d'estas nossas asserções são todos quantos artifices entre nós se avantajam aos do mesmo officio; são os que dotados de natural ingenho, procuram sempre aperfeiçoar-se; conhecem que os estrangeiros lhes levam a dianteira, mas não desesperam de os alcançar.

Podéramos citar bastantes exemplos; mas, por hoje, limitar-nos-hemos a um só — será o Sr. Manuel Antonio da Silva, fabricante de instrumentos, morador ao Loreto.

Filho de um artista já distincto, ha muito que o Sr. Silva leva grande vantagem aos da sua arte: mas não contente com este triumpho, tem sempre procurado exceder-se a si mesmo. O Sr. Silva é um exemplo da perfectibilidade artistica. D'um anno para outro offerecem os seus productos novos aperfeiçoamentos. O artista acha-se hoje a par da arte; só precisa, d'ora em diante, acompanhar os progressos que ella fôr fazendo; — e de que assim ha-de succeder são sufficiente penhor todos os seus progressos passados.

Os instrumentos de sópro fabricados pelo Sr. Silva são eguaes aos dos mais celebres fabricantes francezes. As melhores flautas de Godefroy, as melhores clarinetas de Lefebre em nada se avantajam ás do nosso artista. Ha nos seus instrumentos egual justeza de afinação, a mesma valentia e belleza de sons, a mesma perfeição no bem acabado da obra, a mesma e melhor escolha de madeiras. Só n'uma coisa são elles muito inferiores — que é no preço. Temos visto flautas de sessenta e septenta mil réis, mandadas vir de fóra, por nenhuma das quaes trocariamos a nossa de septe moedas. O mesmo dizemos dos oboés, dos *cors* inglezes, fagótes, e outros instrumentos fabricados na mesma officina. O Sr. Silva foi o primeiro que entre nós começou a armar as chaves dos instrumentos á franceza, sendo para notar que o trabalho de ourives é por elle executado com tanta perfeição como se esse fôra o seu officio.

Os compradores teem hoje mais uma fiança de serem bem servidos, na tabella de preços fixos, que o Sr. Silva acaba de estabelecer para todos os seus instrumentos; devemos além d'isso abonar, pelo conhecimento que temos da sua probidade, que não ha artista que mais se esmere pelo bom desempenho de todas as suas obras.

A. J. de F.

PUBLICAÇÕES ARTISTICAS.

1341 Desde que se creou a Academia de Bellas-Artes de Lisboa não menos de tres obras, e todas de utilidade, teem sido publicadas, por um de seus distinctos professores — o Sr. Sequeira. Distincto lhe chamamos, porque as suas publicações o confirmam: só por ellas o conhecemos: é pois litterario, e não pessoal o nosso conhecimento. — As obras publicadas pelo Sr. Sequeira são: — *Compendio de Geometria Pra-*

tica applicada ás operações do Desenho — Elementos de Perspectiva Theorica e Pratica — e Noções Theoricas de Architectura Civil, seguidas de um breve Tractado das cinco Ordens de J. B. Vinhola.

Na primeira, ha o enunciado, e resolução pratica dos principaes problemas, sobre linhas, superficies, e volumes; cujo conhecimento é indispensavel, para os alumnos, que estudam as artes do desenho. — A traducção do Sr. Sequeira põe-nos a perfeito alcance do original. O folheto vem acompanhado de tres estampas lithographadas, que se não primam como arte, preenchem o fim, porque são muito intelligiveis.

Na segunda obra, depois do bello e erudito prefacio, sobre a utilidade da perspectiva, por *M. Valenciennes;* (auctor, que o Sr. Sequeira tomou por base da sua compilação); assentam-se os principaes fundamentos da sciencia, e segue-se, grande copia de problemas, operações praticas, e outros dados, formando um todo, sufficiente, quanto a nós, para guiar os artistas nas diversas applicações da Architectura, Esculptura, e Pintura. As treze estampas d'esta obra, são primorosamente gravadas, pelos Srs. Almeida, Monteiro, e Santos. — Mas é na terceira obra, que o Sr. Sequeira prestou, indubitavelmente, um grande serviço: contavamos, (que eu saiba) apenas dois livros d'Architectura civil, em o nosso idioma, (que as Regras de Desenho de Moreira, pouco dizem), e ambos elles insufficientissimos. Um, a traducção por *Binheti* das — *Regras das cinco Ordens de Vinhola, e da Geometria Pratica, e Perspectiva de Bibiena*, cheio de muitos êrros no texto, e seguido de gravuras, mais, pela maior parte, uma *caricatura* da arte, do que a sua cópia: e outro, a traducção, por *Andrade*, das mesmas *cinco Ordens*, e *Reflexões* sobre estas dos *mais celebres Architectos francezes* por ***; sim mais correcto no texto, porém o mesmo quasi nas estampas. Estes dois livros, confundem, emvez de auxiliar; e seus pessimos desenhos, são tambem pessimos guias, que levam os alumnos, errados do verdadeiro caminho da arte: ridiculisando-a, a ponto, de tornar as suas formas de maior elegancia, em borrões monstruosos e indecifraveis. É rara a moldura, que contém exactamente o numero de partes de módulo, que o auctor lhe prescreve: umas vezes, mostra o dobro; outras metade, ou menos; ou falta o numero, ou senão falta, vem errado; de sorte, que o alumno anda ás cegas, e soccorre-se de contínuo ao mestre, cujo trabalho é maior, e de menos proveito. A obra do Sr. Sequeira, veio pôr fim a taes inconvenientes: as estampas, gravadas, pelos nossos artistas, que mencionámos, e pelo Sr. Ribeiro, tambem portuguez, são d'uma clareza, exactidão, e até elegancia, que nada teem para invejar, ás gravuras estrangeiras d'este genero. O Sr. Sequeira teve excellentes interpretes. — O texto está dividido em duas partes, a ultima explica, e bem, as cinco Ordens de Vinhola; a primeira, contém muitas e sensatas reflexões, sobre a construcção dos edificios; e sobre a origem, proporção, subdivisão, e emprêgo das ordens. Parece-nos fôra conveniente accrescentar-lhe mais alguns termos technicos da arte, e suas definições; taes como, *resatto, voamento corte, alçado, alheta, vestíbulo, pavilhão, molduras arqueadas, annelares*, etc., uma simples noticia das ordens secundarias, como a *Persica*, a *Caryathide*, etc.; o desenho d'um *balaustre* para cada ordem, e modo de o executar; o risco do *frontão curvo;* porque embora se repute de máu gosto, existem milhares d'elles; e então convém, que o alumno saiba como se traçam etc. — Que os frontões curvos são de máu effeito, quando se empregam sós, convimos; mas o que tambem nos parece, é que sendo-o, como vemos em muitos edificios, isto é de mistura com os triangulares, tem ás vezes boa apparencia. É esta a nossa opinião; errada talvez; mas de convicção.

Rogamos, por fim, ao Sr. Sequeira, julgue sinceros nossos avisos; e continue em seus trabalhos, para engrandecimento da arte que professa: desde já recommendamos ao seu desvelo, a futura publicação de alguns exemplares das cinco ordens, bem escurecidos, coisa esta de que muito carecemos. É tarefa de dificil execução, mas o Sr. Sequeira deve conseguil-a, porque a sua divisa, é — já lh'a adivinhámos — *Labor omnia vincit.* *J. da C. Cascaes.*

HISTORIA RESUMIDA DA INVENÇÃO E MELHORAMENTOS DAS MACHINAS DE VAPOR, PELO SR. VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO.

Continuação do capitulo III.

(Vem de pag. 255.)

1342 VI. — O auctor do *Tractado Completo das Máchinas de Vapor*, a pag. 163 apresenta um cálculo interessante, para mostrar a inutilidade d'estas máchinas, e refere-se a uma descripta por *M. Minor* no seu *Jornal dos Caminhos de ferro*, a qual tinha 18 pollegadas no braço da cruzêta, e aberturas para os jactos de vapor de um oitavo quadrado de pollegada: esta máchina trabalhava debaixo da pressão de oitenta libras sobre cada pollegada quadrada, equilibrando um pêso de dez libras (medida ingleza). — «Com effeito (diz o citado auctor) como as aberturas das extremidades da cruzêta tem a superficie dicta, segue-se que um pé cúbico de vapor, passando por aquelles orificios corresponderia a uma columna d'elle de egual base e de mil cento e cincoenta e dois pés de altura; tomando agora por termo médio de pressão 73 libras, em logar de 80, segue-se que um pé cúbico de agua produzirá tresentos e vinte pés cúbicos de vapor d'aquella tensão ou densidade, e se estes forem multiplicados pela altura da columna que é de mil cento cincoenta e dois, teremos uma nova columna de vapor de tresentos sessenta e oito mil seiscentos e quarenta pés, correspondendo a um pé cúbico de agua.

Ora, n'esta pressão, a velocidade, com que o vapor atravessa a athmosphéra é de mil seiscentos septenta e quatro pés em cada minuto segundo, e se dividirmos por esta cifra o numero tresentos sessenta oito mil seiscentos e quarenta, teremos o de segundos que um pé cúbico de agua reduzida a vapor, gastará para saír pelos orificios dictos, que são equivalentes a um oitavo de pollegada quadrado; por conseguinte o dicto numero de segundos é o de duzentos e vinte. Logo, se um pé cúbico de agua reduzida a vapor se consome em 220 segundos, o gasto de uma hora será de dezesseis pés cúbicos: uma máchina de vapor de outro bom systema de expansão, que trabalhar com vapor d'aquella tensão pelo mesmo tempo, representará uma força de trinta cavallos.

Vê-se pois do que acima deixo dicto que a força da máchina de rotação era de dez libras, e que com a mesma despeza de vapor e combustivel se podia obter uma potencia motriz equivalente a trinta cavallos! ..... Eis-aqui a razão porque taes máchinas foram abandonadas.

VII. — Tornando agora a tomar o fio entrecortado da ordem chronologica, seguida desde o principio, voltarei ao anno de 1804 em que *Arthur Woolf* obteve patente de privilegio para certos melhoramentos das máchinas de vapor de simples effeito e baixa pressão, os quaes tambem se poderiam applicar ás de dobrado effeito aperfeiçoadas por *Watt*. Estes melhoramentos são muito similhantes aos de *M. Hornblower*, já mencionados; com a differença porém de poder ser empregado o vapor de alta pressão. Quem desejar ver as estampas d'esta

máchina, as tabellas do sobredicto *Woolf* sobre a dilatação do vapor, passando de um pequeno cylindro para outro maior, e todas as mais precisas explicações póde consultar *T. Duverne, Descripção das máchinas de Vapor, Edição de Liége de* 1839, — pag. 51 e seguintes. *(Continuar-se-ha.)*

PROGRAMMA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Para o anno de 1843.

SCIENCIAS NATURAES.

1343 *Em Geologia.* — Determinar os géneros, e especies, em geral, de animaes fósseis, cujos exemplares não se encontram hoje vivos, e a ordem successiva das camadas de terrenos, em que elles agora jazem, para d'ahi se tirarem inducções para o conhecimento das revoluções por que teem passado a superficie do nosso Globo.

Em Chimica médica. — Mostrar pela anályse a natureza da agua do Gerez, e a sua utilidade no curativo das molestias.

Em Veterinária. — A descripção das molestias, que teem ultimamente atacado os porcos, e alguns outros animaes, como bois, etc., e o seu methodo curativo.

Em Botânica. — Mostrar se em Portugal existem mais plantas do que aquellas que descreveu o Dr. Brotéro na Flora Lusitana, e outros que teem viajado em Portugal; sendo essas plantas classificadas segundo o methodo por elle seguido, conjunctamente com as familias novamente adoptadas, a que ellas possam pertencer.

Em Hygiéne publica. — Mostrar praticamente se a revaccinação é indispensavel nos vaccinados, depois de certo periodo, e qual esse; tudo confirmado por observações feitas no nosso paiz, que não deixem duvida alguma sobre a necessidade da revaccinação, como ultimamente se tem affirmado e contestado.

Para o anno de 1844.

Em Chimica applicada ás Artes. — Uma anályse chímica da Urzella das nossas possessões ultramarinas, com a demonstração prática da sua utilidade nas fábricas de tinturaria, comparada com a de Cabo Verde.

Em Agricultura. — Designar os terrenos de Portugal, em que póde dar-se a Cochonilha do Mexico, indicando as plantas onde se cria o insecto, com as regras instructivas para a sua cultura, a fim de introduzir entre nós este ramo de industria agrícola, que já está adiantada na ilha da Madeira.

Descrever o methodo de imitar o vinho da Madeira, Champagne, e de Xerez em alguns districtos vinhateiros de Portugal, fundado em experiencias e observações praticamente adoptadas.

Em Mineralogia. — Mostrar se em Portugal existe o Asphalto similhante ao de Seissel, que o possa substituir nos usos em que actualmente é applicado.

Descripção de novas minas de carvão de pedra, de que recentemente se teem achado vestigios nos diversos districtos de Portugal, e qual é a sua natureza.

Para o anno de 1844.

SCIENCIAS EXACTAS.

Em Cálculo. — Demonstrar *completamente* o methodo dos menores quadrados, imaginado por Legendre, para determinar os coefficientes constantes das equações que representam as leis dos phenomenos.

Demonstrar *completamente* pela anályse as principaes propos ções fundamentaes da Geometria.

Em Mechânica. — Simplificar o machinismo dos barcos movidos por vapor, evitando os inconvenientes das rodas de pennas, e o grande consumo de combustivel.

Em Astronomia. — Exposição dos meios de determinar, com segurança, e simplicidade, o principio dos eclipses da lua.

Em Fortificação. — Delinear a defensa do porto de Lisbôa, que ponha esta cidade a coberto de qualquer insulto maritimo, por vigoroso que seja.

Em Arte militar. — Designar a força numérica de tropa de que precisa o reino de Portugal, para manter a sua dignidade e a sua independencia; declarando a porção d'essa tropa que ha-de ser paga permanentemente, segundo o permittem as actuaes circumstancias da fazenda publica; e aquelle que só deve receber soldo em tempo de guerra; designando tambem a organisação que se ha-de dar a uma e outra, as relações que devem guardar entre si, e todas as mais circumstancias que fundamentem o projecto que se apresentar, e justifiquem a sua possibilidade e conveniencia.

Em Hydráulica. — Designar, de entre os tres meios de manter navegavel o Téjo até Abrantes (encanamento, canal lateral, e carreira no leito do rio) aquelle que se deve preferir; dando os motivos da preferencia, tanto pelo que respeita á economia, como pela facilidade de execução: junctando um orçamento, mais ou menos aproximado, da despeza que cada meio exigir. *(Continuar-se-ha)*

SINGULAR CAUSA DE INCENDIOS.

1344 No *Constitutionnel de Paris* de 27 de janeiro se lê, que tendo occorrido varios incendios nos arredores de Vassy, o juiz de paz do Cantão de *Montierender* se dirigiu aos differentes sitios d'elles para lhes averiguar as causas: por mais que investigou não póde descobrir que fosse fogo posto acinte: constou-lhe ao mesmo tempo que haviam por alli caído n'essa occasião alguns aerolithes e escreveu á academia, que lhe parecia poder ser aquella a origem dos incendios.

Para ajudar esta suspeita do juiz de paz declarou á mesma academia o celebre *Arago* — que estando elle em novembro do anno findo n'uma casa de campo pouco affastada de Paris lhe contára o *maire*, que andando algumas creanças a brincar ao pé de uma méda de trigo e acertando de caír n'ella uma d'estas chamadas estrellas cadentes, meteóros, exhalações, ou chamas fátuas, para logo se lhe ateára o fogo: o que *Arago* affirmou immediatamente ser possivel.

Em consequencia d'isto e tendo-se já começado algumas diligencias contra pessoas de má nota a quem os incendios se attribuiam poz-se-lhe pedra em cima por se intender que a incendiaria podería ter sido a natureza.

¡Ora quem acreditaria que a lua, chamada pelos poetas de todos os tempos a suave, a pacifica, a melancholica, a amiga dos campos, e outras gentilezas, havia com suas pedradas inflammadas, de vir lançar-nos fogo á nossa terra! porque emfim os aerolithes segundo a opinião de muitos physicos modernos, de lá nos vem despedidos, pelos seus volcões; e as estrellas cadentes como hoje se persuadem muitos, não são mais nem menos, que o luzir d'esses mesmos aerolithes atravessando os ares. — ¡Fiar lá nas visinhas, pela boa cara!

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

15 *de Fevereiro de* 1309.

1345 Juncto á porta, que desde o principio da monarchia se chamou da *Cruz*, n'esta cidade e no bairro da *Alfama*, pouco mais ou menos no sitio, que ainda hoje conserva o nome de *eschólas-geraes*; havia instituido o rei, mais amador das lettras e do patrio idioma, que no nosso Portugal tem reinado, D. Diniz, o *povoador*, varias cadeiras d'estudos superiores, em cazas repartidas em fórma de Universidade, para instrucção do seu povo e maior cultura e propagação das lettras n'estes reinos. Esta instituição tomou depois o character de Universidade, com a singularida-

de de ser a primeira entre todas, a que foram conferidos privilegios apostolicos, pela bulla de *Nicoláu IV* de 13 d'agosto de 1290, na qual se permitte, que os estudantes *in artibus*, os de Direito canónico e civil, e os de Medicina, recebam do bispo de Lisboa o gráu de licenciados.

Que estes *estudos-geraes*, como antigamente se lhes chamava, já existiam em Lisboa, antes de concedida esta bulla, se colhe das suas mesmas palavras, *sunt de novo non sine multa et laudabili providentia plantata*; e que taes estudos, que d'elrei D. Diniz receberam impulso e incremento, já tambem existiam derramados pela monarchia desde o seu começo, é indubitavel á vista dos documentos por onde consta. Não só se sabe, que Sancto Antonio estudou na cathedral de Lisboa, e S. Fr. Gil se aperfeiçoára em Coimbra nas faculdades de Philosophia e Medicina; mas é coisa assentada pelo docto Fr. *Manuel do Cenáculo* e outros eruditos, zelosamente versados em nossas antiguidades, *que desde o princípio da monarchia, se ensinava em seminarios e nos claustros das cathedraes.*

E assim devia de ser, porque apesar da tão pregoada rudeza dos seculos XIII e XIV, sempre houve entre nós homens doctos, e se estimaram as lettras. Encontram-se na côrte de *D. Affonso Henriques*, theologos, historiadores, e poetas, se é que não foi elle tambem (como quer Barbosa) o historiógrapho da sua victoriosa entrada na villa de Santarém; mas bastará nomear entre outros, o arcebispo D. Estevam Soares, Fr. Affonso do Louriçal, Fr. Alvaro Cosme, Egas Moniz, Fernando Peres e Gonçalo Ermigues.

Todos os nossos monarchas tiveram sempre por mui louvavel costume, o de se entreterem com os trovadores, e estimular a pratica da poesia com premios e outras distincções, exercitando-a elles mesmos, e os principes de sua familia; e recolhendo em seus paços livrarias, cujos preciosos restos se consumiram na riquissima Bibliotheca real d'esta cidade, no fatal terremoto de 1755; — e em todos os castellos dos nobres e senhores, havia casa destinada para guardar os manuscriptos e outras coisas *d'importancia*.

Tornando porém ao nosso ponto, porque para melhor opportunidade guardâmos reivindicar a gloria litteraria de nossos antepassados, o nosso bom rei D. Diniz, não satisfeito ainda com as muitas e mui proveitosas versões, que mandára fazer em linguagem, das melhores obras, que em seu tempo se conheciam; nem ainda com o mui patriotico serviço que fizera á lingua vernácula, ordenando que só em portuguez se passassem e escrevessem todos os documentos, escripturas, diplomas, etc., que d'antes se faziam em latim; nem finalmente, com a creação da Universidade em Lisboa, mandou 17 annos depois, aos 15 de fevereiro de 1309, que estes estudos passassem para a cidade de Coimbra, fundando-se alli Universidade mais ampla, com maiores privilegios, e novos estatutos, dados no mesmo dia de mez e anno, que são na verdade um monumento de sabedoria levantado no começo do seculo XIV.

Peza-nos, que a brevidade a que é forçoso que nos cinjamos, nos prive do gosto de traduzir, ao menos, o seu elegante exórdio.

É a Universidade de Coimbra a mais antiga da Europa, afóra a de Paris, fundada por Carlos Magno ou Luiz VII, e a primeira a quem os papas outorgaram bullas de confirmação e privilegios, porque a de Nicoláu IV e Clemente V foram passadas 44 annos antes das que João XXII, concedeu á de Salamanca, uma das mais celebres depois da de Coimbra.

Trasladou elrei D. Fernando esta Universidade para Lisboa em 1375, onde se conservou até que elrei D. João III a passou de novo para Coimbra em 1537, onde tem permanecido até hoje, com summo proveito da instrucção publica d'estes reinos, e summo credito da nossa litteratura, pelos varões imminentes em lettras divinas e humanas que d'ella hão saído, e lhe tem dilatado sem interrupção, o seu renome pelo mundo.

J. M. da Silva Leal.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1346 O governo da Russia exige que o de Berlim cohiba a imprensa: veda por um decreto a mutua entrega dos desertores entre a Prussia e a Polonia; e por outro, vae limitar o tempo do serviço no exercito a dez annos. Entretanto persegue o catholicismo polaco: ordena que nas egrejas catholicas se funde um altar para os scismaticos; que scismaticos e catholicos se misturem nos cemiterios; e que onde faltarem parochos da Egreja Romana pastoreem os da Grega.

Elrei de Suecia está gravemente enfermo e seu filho tambem não passa bem.

A Austria quer, segundo parece, travar relações commerciaes com o Egypto e India: para isto vae mandar saír de Trieste uma expedição para o mar Roxo e India.

Na Inglaterra tem-se em grande parte suspendido as especulações mercantís, pela incerteza em que se labora de paz ou guerra com a França. O direito de visita, que esta sua rival discute ao presente, e em que brevemente tomará uma decisão, é a principal pedra de escandalo.

Em Hispanha não cançou ainda a prepotencia de abusar da sua ensanguentada victoria O povo catalão é tractado como uma nação inimiga ha mil annos, barbara, e que é indispensavel exterminar. Os que absolutamente não podem pagar a acintosa contribuição, não encontram misericordia; enchem-lhes as casas de soldados, prendem-n'os, ou forçam n'os a deixar tudo, e emigrar. A imprensa livre, o escripto livre, ou a palavra livre, são tres crimes que os governadores constitucionaes d'aquelle povo constitucional, não podem perdoar nem perdoam.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1347 *Diario do Governo de 9 de fevereiro.* — Instrucções regulamentares para a administração, arrecadação, e contabilidade dos rendimentos publicos.

Idem de 10. — Carta de lei determinando que o rio Rabaçal, fique sendo a linha divisoria dos concelhos de Val de Passos e Torre de Dona Chama. — Portaria louvando as auctoridades e habitantes da cidade do Porto, pela solemnidade com que festejaram o dia 27 de janeiro.

Idem de 11. — Ordem da armada, publicando a promoção e a reforma de varios officiaes da armada.

Idem de 13. — Carta de lei approvando o contracto celebrado com J. D. Damasio, para fazer varias obras e melhoramentos no porto e barra da Figueira da Foz. — Portaria louvando o acêrto com que o juiz de direito de Vouzella, fizéra capturar tres socios de uma quadrilha de salteadores que havia atacado e ferido o subdelegado do mesmo juizo.

GRANDE JANTAR POLITICO.

1348 No dia 10 houve para festejar o primeiro an-

niversario da Carta um jantar, a que assistiram 121 convivas, e que, segundo se diz, importou em avultada somma. Foi dado na vasta sala dos ensaios de S. Carlos, custosamente adereçada para o intento. A meza era do feitio de estrella. As saudes foram pelo presidente dos deputados á Rainha, á Carta, e a El-rei: pelo vice-presidente a S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança, ao Duque da Terceira, e á Juncta do Porto: pelo Duque da Terceira ás Camaras Legislativas: pelo Ministro do Reino ao exercito e armada: pelo Visconde de Oliveira ao Duque de Palmella, o qual agradeceu em seu nome e no do presidente dos deputados, e protestou a sua invariavel adhesão ao sistema representativo e á Carta. — Do jantar passaram para o theatro, onde tambem appareceu S. M. a Rainha, que no fim do primeiro acto se retirou.

CASTELLO DE S. JORGE.

1349 No mesmo dia, e pelo mesmo motivo, houve no Castello, em uma barraca de campanha curiosamente armada, um jantar do batalhão 2., seguido de identicos brindes; e á noite uma vistosa illuminação sobre a muralha, representando a chapa da Torre e Espada com 80 pés de altura e no centro a lettra — R. — C. — Bandas de muzica tocaram todo o dia e toda a noite os hymnos e outras peças.

SALTEADORES.

Tomamos a liberdade de colher da Revolução de Septembro o seguinte: —

1350 *Villa Real* 31 *de janeiro*. — « O estado de segurança » n'este concelho, principalmente na margem esquerda do » *Corgo*, vai-se tornando cada vez mais assustador: ha menos » de duas semanas teem sido mais os roubos que os dias, e » quasi que outros tantos os espancamentos, porque os saltea- » dores, não contentes com o roubo quando lhes parece pe- » queno, ainda dão facada, fouçada e paulada. — Perto do » povo de *Guiães* teem sido roubados immensos sujeitos ao re- » colherem-se para suas aldêas: na *Povoação*, *Ermida* e *So-* » *broso*, foram escaladas as adegas situadas fóra do povoado, » e roubados os objectos que continham; e na *Costa do Pombo*, » estrada que conduz a todos estes povos, e distante d'aqui » um tiro de espingarda, accommettem-se, alto dia, os que » passam! — Nos concelhos limitrophes, parece acontecer o » mesmo, porque ainda ha pouco se apresentou nas visinhan- » ças de *Villar de Maçada* uma quadrilha a querer assaltar » uma casa: na *Siderma*, *Cabeda*, e por muitas outras par- » tes, foram roubadas varias quintas. »

(Correspondencia da Revolução.)

Alhandra 4 *de fevereiro*. — « No dia 3 do corrente, tres « trabalhadores do logar de Calhandriz, termo d'esta villa, « desconfiados de que seriam ladrões quatro homens que no cu- « me da serra se occultaram n'umas moitas, caminharam para « elles, e conhecendo ser um o celebre José Gomes, que em « 1837 tinha feito uma morte, os perseguiram até villa Quen- « te, aonde os prenderam e conduziram a esta cadêa, na qual « se acham: confessando aquelle, serem seus companheiros, « da grilheta dois dos que o acompanharam, e o soldado que « com elles fugira do trabalho do cemiterio do alto de S. João « em Lisboa, no dia 1.°, faltando um que disseram tel-os acom- « panhado até a entrada do Sobral, ignorando para onde iria. « E' por certo digno de elogio o comportamento d'aquelles al- « deões, a quem por ventura a respectiva auctoridade devêra « gratificar a fim de servir de estimulo para evitar que se repi- « tam os roubos que juncto d'esta villa ultimamente teem tido « logar, posto que de pequena monta. ¿ E se não fossem aquelles « honrados aldeões, que não seria capaz de vir praticar n'es- « tes sitios o grande facinoroso José Gomes e seus companhei- « ros? ».

(Correspondencia da Revolução).

MAIS.

1351 De *Villa-Real* escrevem aos Pobres do Porto, que anda entre *Villela e Provesende*, uma quadrilha de 32 salteadores: despojam viandantes: assassinaram já a um homem no pinhal do Infantado; e roubaram a casa do medico *Barbosa*, de *Villarinho de S. Romão*.

A praga do latrocinio vae crescendo: é evidente que já a corda do algoz, ainda que mais diligente andasse, não bastaria.

Estes males sociaes não se curam tanto pelo decóte das ramas viciadas, como pelos remedios applicados á raiz. Emquanto se augmentarem os tributos, que matam o trabalho, emvez de se augmentar o trabalho, que suavisa os costumes: emquanto se fizerem monumentos em logar de escholas de rudimentos litterarios e religiosos, a classe dos carrascos ha-de ser a mais activa de todo o Estado.

CONGRESSO COMICO.

1352 N'um ajunctamento de alguns actores normaes foi discutida e moralisada a insolencia com que a platéa no dia 4 déra ao Fra-Diavolo a pateada, de que fallámos no artigo 1336: sabemos que ahi foi capitulada por cabeça de motim a pobre da Revista Universal, que desváira o gosto que já no publico se ía formando para a bella musica dos *Condes*: e dados como réos de lesa-harmonia, e de lesa-arte os nossos collaboradores mais distinctos e mais amados de todo o reino. — *Litteratos péccos* os chamou um dos opinantes (juiz certamente competentissimo em materias de litteratura). Não permitte a charidade christã que o nomeemos: requer porém que fraternalmente o advirtamos de que ninguem mais do que elle mesmo, a quem a natureza deu um verdadeiro talento comico, já por nós e muitas vezes applaudido, ganharia com a abolição das paródias musicas, nas quaes, como já provámos, elle e os outros sem aprenderem a cantar, perdem o poucochinho, que sabiam, de declamação e representação. Quem os applaude na ladeira do precipicio não se interessa tanto por elles, como quem á força os procura reconduzir para o bom caminho. Aos *litteratos péccos* podiam pelo menos agradecer as intenções.

EXEMPLO NOBILISSIMO.

1353 Publica a *Revolução de Septembro* uma carta, que para esse fim lhe dirigira o Sr. *João Paulo de Mendonça*, escrevente despedido do escriptorio do Sr. Aragão por ahi haver divertido, para uso seu particular, algum dinheiro dos chamados *preparos das partes*. Confessa o Sr. *Mendonça* a culpa, a que foi arrastado pela imperiosa lei da necessidade, mas culpa que elle attenua declarando, que servindo-se d'aquelle dinheiro esperava repôl-o pontualmente, o que a sua mesquinha sorte lhe não consentiu.

Emvez de se vingar como tantos outros fariam do Sr. Aragão, que dimittindo-o de seu serviço, lhe peiorava as suas já pessimas circumstancias, testimunha pelo contrario a inalteravel incorruptibilidade d'aquelle empregado, lança sobre si mesmo, para a tirar d'elle, toda a imputação de um acto indecoroso, e beija a mão, que o pune, porque o pune com justiça. Julgando a ambos estes srs. só pela carta, a que alludimos; o Sr. Aragão, sempre justo, merece al-

tos louvores, mas o Sr. Mendonça, tendo peccado, maiores os merece ainda pela solemne, asperrima e voluntaria penitencia, com que o resgatou.

HOMICIDIO ATROZ.

1354 Na cidade de Braga vivia em casa do Sr. Capitão João Pereira, ha já tempos, sua sogra viuva, natural de Chaves, por nome D. Anna Alexandrina de Carvalho. A 3 de fevereiro amanheceu esta senhora no seu quarto assassinada com 29 entre punhaladas e facadas, todas graves, algumas tão violentas, que até ossos lhe haviam traspassado. O terror, que este spectaculo infundiu nos moradores da cidade, é ainda requintado pelo misterio profundo, em que se escondem as causas da horrenda tragedia e a mão damnada que a perpetrou.

HONRARIA INESPERADA.

1355 A sentinella da guarda principal no ultimo dia de gala, pela uma hora da tarde passeava ao bello sol no seu districto, por diante da arcada do norte do *Terreiro do Paço*. De repente chama *ás armas*: — avistou, vindo da banda da *Ribeira Velha* o côche do patriarcha. — Acodem a postos os soldados para fazerem ao prelado a devida continencia: apresentam-lhe as armas. O personagem, a quem saúdam, lhes retribue com toda a affabilidade, tirando o barrete, e inclinando a cabeça com semblante risonho. — Todos os militares um momento antes tão sisudos desfecham a rir e com elles todos os circumstantes. — O côche era o do Lagóia, que vinha de levar mais um hóspede para o cemiterio do alto de S. João; e o que ao sentinella se figurára patriarcha não passava de um pobre clerigo, que o fôra encommendar.

¡ HORROR !

1356 Escreve-nos de *Coimbra* o Sr. José Antonio de Moraes Teixeira um exemplo de licenciosa brutalidade, n'aquella terra acontecido, que faz estremecer a natureza.

No dia 28 do mez passado estava sentado no banco dos criminosos perante o jury, composto d'esta vez de sugeitos de bom intendimento e boa vontade, um selvagem, que ha perto de um anno se introduzíra no leito de sua propria filha, uma menina de 8 ou 9.

O incestuoso e nefando estupro fôra consumado por entre os choros e gritos da victima, cujo depoimento ingenuo, e cujo lastimoso estado physico serviram de provas maximas á accusação. A sentença de morte, proferida perante um numeroso concurso de academicos e outros cidadãos, foi escutada com um solemne respeito.

O verdugo de sua filha será entregue ao verdugo. — Deus e os homens tenham misericordia da futura mulher que assim foi marcada com dois ferretes quasi ás portas da vida.

INCENDIO.

1357 A 14 do corrente pelas tres e meia da tarde na travessa de S. Francisco de Paula, á praça das Flôres, pegou fogo em uma fabrica de oleados: acudiu-se-lhe; e a poder de esforços se conseguiu, que não perecesse mais do que um barracão, onde principiára. Toda a visinhança correu grande perigo, augmentado ainda pela violencia do vento: — a ser de noite haveria infallivelmente desgraça de maior monta. As fabricas de oleados parece-nos, que se devem reputar incluidas na postura, com que a camara municipal vedou que no povoado da cidade se mantivessem officinas, que pela qualidade e quantidade dos materiaes necessarios ao seu tráfego, se devessem reputar propensas a incendios.

LOTERIAS.

1358 A venda dos bilhetes para a ultima loteria foi, como quasi todas ellas o são, acompanhada de desgraças. Centenares de pessoas, apertadas em mó ás portas da Misericordia, presentam n'estas occasiões um spectaculo, porventura mais atroz que o dos combates dos toiros. Ahi se sabe já de antemão que teem forçosamente de occorrer algumas lastimas, roubos, pancadas, feridas, e muitas vezes mortes, umas de apunhalados outras de esmagados. Por cima d'este pavimento compacto de cabeças veem-se andar e correr uma segunda camada de especuladores desejosos de ir assim tomar a dianteira e precipitar-se primeiros contra a porta: e estes silfos calçados, que esvoaçam por entre as pragas, nem sempre escapam sem que algum braço vingativo, levantando-se debaixo do seu chão, lhes rasgue as pernas ao passar: d'esta vez um homem, cujo nome nos pêsa não podermos citar, estava em pé sobre um poyal juncto á umbreira d'aquelle suspirado alcacer da fortuna, voltava-lhe as costas: socegado e placido no semblante, girava com os olhos por cima do mar negro e vivo, que diante se lhe revolvia em ondas bramidoras. Apenas com o olhar escrutador percebia um perigo, ou um desastre saltava, como um cão fiel da Terra-Nova para cima da turba, corria para o sitio com uma segurança, com uma ligeireza prodigiosa; lançava a mão, arrancava um infeliz e atirando-o para fóra da frágua recommendava que lhe acudissem. — Dois homens foram assim pescados por elle; um desmaiado, outro que logo d'alli se foi em maca moribundo.

¿Não seria melhor que para evitar estes horrores se adoptasse para a venda dos bilhetes algum outro expediente? ¿por exemplo, que se multiplicassem ou os logares ou os dias d'este vergonhoso mas indispensavel mercado? — Offerecemos o ponto á consideração da benemerita Junta Administrativa da Sancta Casa da Misericordia. Poucos não são já os louvores que ella tem merecido, esperamos que n'isto nos dê quanto antes occasião para lh'os tecermos novos.

JORNAL DAS BELLAS-ARTES.

1359 A empresa que annunciámos no nosso n.º 6 — intentada para expôr em gravura e lithographia os quadros dos mestres portuguezes, com a sua descripção historica e artistica sob o titulo de Galleria Artistica — vae brevemente publicar o seu programma (que reproduziremos) ampliando muito mais o seu plano, pelo que esta se denominará agora — O Jornal das Bellas-Artes.

Dizem-nos que tem já convocados os melhores collaboradores litterarios e artisticos que entre nós existem, e obtido da Academia de Bellas-Artes e outros estabelecimentos, onde ha quadros preciosos portuguezes a licença de os copiar.

ASSOCIAÇÃO CATHOLICA.

1360 Consta-nos que se anda formando uma so-

ciedade com este titulo e com o empenho de crear seminarios de ecclesiasticos instruidos para a prégação. Corre que o Governo já para este fim concedêra o edificio de um dos extinctos conventos. Para recolher e administrar os futuros cabedaes provenientes de uma modicissima contribuição dos associados, foi nomeada uma juncta de senhoras e homens presidida pelo Sr. Marquez do Fayal. Sabbado 4 do corrente celebrou-se como inauguração da sociedade uma devota festa com missa e sermão na egreja das commendadeiras de N. S. da Encarnação. Não conhecemos ainda os estatutos d'esta nova legião moralisadora, nem verdadeiramente o fim immediato a que destina este novo clero educado á sua custa. Desejáramos que a não poderem abarcar o mundo, olhassem primeiro para a penuria de instrucção christã da nossa terra, e depois para a das nossas conquistas: aos alheios paizes deverá tambem acudir-se, mas só depois.

THEATRO AGRIÃO.

(Extracto de uma Carta).

1361 O *Agrião* não ha-de morrer por falta d'agua, mas ha-de leval-o *Fra-Diavolo* por falta de raiz. — No logar, onde havia antigamente uma loja de bebidas, por signal chamada *Caffé de Camões*, (que tanto conhecia os caffés como o sr. mestre cisalpino conhece a architectura), n'esse mesmo logar, que era juncto ao cunhal do edificio do lado de S. Domingos, quizeram levantar um pégáõ; procedendo-se a abrir o cavouco, abateu a terra repentinamente, e appareceu agua com tanta abundancia, que quatro bombas ainda não poderam estancal-a.

A todas as regras de construcção (para que nenhuma d'ellas se metta em presumpções de ser mais que as outras) se tem faltado com uma egualdade, — que podia servir de modelo ás egualdades constitucionaes. — Toda aquella obra dos alicerces devia ser lithographada e remettida para a Italia *per studio dei giovini architecti.* — As estacadas é por Deus, que sejam coisa que ha-de ficar sumida, que a estarem á vista seriam melhor farça para os intendedores, do que as lá de dentro (se lá se chegasse a representar). A esta miseria accresceu a de não terem sido os alicerces feitos ao mesmo tempo e por fiadas eguaes, como manda a *tola* da regra, fundada na *toleirona* da Physica, que tão *bestia* é uma como a outra: *arcades ambo — arcadi son ambi.* — Além d'isto accrescentaram aos alicerces antigos outros novos, levantando-lhes as paredes sem lhes deixarem fazer assento; devendo por isso acontecer o ficarem desunidos separando-se os novos dos antigos por causa do pêso das mesmas paredes:

«Mollia cum duris, sine pondere habentia pondus:»
. . . . . .
«Col duro il molle avea la pugna preso;»
«Col grave combattea l'altro, che'n tutto»
«Libero, e scarco stava d'ogni peso.»

Sr. Redactor. Podem representar no *agrião, la congiura dei pazzi*, ou o que quizerem; que lá me não pilham elles a mim: quando eu morrer não ha-de Nosso Senhor permittir que seja em ratoeira conhecida: na de assignar o meu nome tambem eu não caio, sou um *architecto portuguez*, que é o mesmo que dizer, sou um jan-ninguem; prophetiso na minha terra e por isso é preciso que me não conheçam; quando não, ha ahi menino, que era capaz de me atirar para o poço do *agrião;* e se eu lá caísse era uma vez: — *Lasciate ogni speranza, o voi que intrate.*

Deixe-os ir trabalhando, que temos muito que rir, e que chorar; porque este negocio ha-de ser tragi-comedia: — o que eu sei de certo é que o sr. mestre, que edifica theatros cantando como *Amphião* edificou *Thebas*, antes d'elle acabado ha-de desarvorar d'ahi, e ninguem mais lhe ha-de pôr o olho em cima; temos novas capellas imperfeitas porque architecto como elle não torna a nascer, e o seu risco, como nunca ninguem lh'o viu, adivinhem-lh'o lá.

Sr. Redactor. Não se torne a metter nos agriões, que são indigestos. Já aconselhou quanto era bastante; agora faça, como Pilatos, lave as suas mãos, não lhe falta agua no cavouco. Deixe-os e não lhes queira estar na pelle d'aqui a uns tempos.

Um portuguez pé de boi inimigo de castellos no ar.

MONTERIA.

(Carta.)

1362 Boa parte do povo d'esta cidade, que eram todos os que sabiam pegar n'uma espingarda, saíu no dia 6 do corrente a dar caça aos lobos da visinhança, que ha tempo andavam muito sobejos, assolando gados, e atemorisando os moradores das quintas e cazaes. Recolheram-se á noite com septe lobos em trophéu, sendo um d'elles alentadissimo no corpanzil, e tão velho, que já os dentes se lhe tinham ido embora, e boa parte do pello. Para 13 tencionam saír outra vez, para ir bater a serra da Alpedreira, que tem fama de ser um covil d'elles.

Recommende, Sr. Redactor, estes exercicios, que são uteis para a policia dos campos, para a saude da gente, e para o desinvolvimento dos brios varonís, em logar das corridas de toiros, que são más para tudo isto, e para outras muitas coisas mais.

Evora 8 de fevereiro de 1843.

José Maria de Aboassa.

DESAVENÇA DE SOLDADOS.

1363 De Coimbra se escreve á *Revolução de Septembro* que a 6 do corrente occorrêra no quartel, e entre os soldados do corpo de segurança, uma desordem, em que ficou ferido um cabo. Attribuem-n'a a rixas velhas de rivalidade entre os corpos, de que este se formou.

NINGUEM SE ESQUEÇA DO SEU BARBEIRO.

1364 No dia 9 do corrente falleceu n'esta cidade o Sr. Pacheco, grosso negociante de vinhos. O seu testamento contém grandes legados pios em favor da Sancta Casa da Misericordia, do Hospital de S. José etc. — Todos os seus creados e creadas foram generosamente contemplados; e uma d'ellas com um dote de nada menos de dez mil cruzados em dinheiro, dois mil e quinhentos cruzados em inscripções e uma propriedade de cazas.

Parece que nas suas benéficas disposições só o seu barbeiro foi esquecido; que por isso é a unica pessoa do seu tracto, que se o quizessem canonisar, lhe serviria de *cardeal-diabo:* — rapou-o em vida, e agora depois de defuncto escanhôa-o.

MACRÓBIA.

1365 Uma pobresinha foi dada á terra gratuitamente e por esmola no cemiterio do alto de S. João. Era a matriarcha de todas as velhas de Lisboa. Contavam-lhe de edade 109 annos. Podiam semear perpétuas sobre a sua sepultura.

PALACIO DO CALHARIZ.

1366 A parte da rua do *Trombeta*, que ladêa pela direita o palacio do Sr. Duque de Palmella, acaba de ser comprada por S. Ex.ª, bem como toda a casaria confinante do lado do poente. Todo este espaço, diz-se, vae ser transformado em jardim para logradoiro e regalo do palacio, que depois das obras, que se n'elle andam fazendo, e em que trabalham os melhores mestres e artistas, ficará uma das mais bellas e agradaveis vivendas da cidade.

O publico, perdendo aquella insignificante serventia, lucrou por parte do aformoseamento do sitio e da limpeza da rua, porque S. Ex.ª, segundo nos asseveram, se obrigou a fazer um cano geral de despéjo desde a sua testada até ir entrar no do *Poço Novo*.

DOIS PHENÓMENOS ENCONTRADOS.

1367 Um pobre trabalhador, assistente em Alcantara, recolhia cançado das fadigas diurnas para a sua humilde habitação, saboreando-se já em espirito no só por só da sua cêasinha frugal entre a lareira e a enxêrga com sua mulher moça e amavel. Sua mulher é toda a sua familia; todo o ornamento e luxo da sua vivenda, toda a sua fortuna, o alpha e o ómega de todos os seus desejos; filhos não os tem nem, por ora, a mais leve esperança d'elles. Cifra n'ella só o amor, que havia de repartir pelos herdeiros da sua penuria: o affecto assim simplificado é uma grande economia: não ha, para tempos de decimas industriaes, como aquillo de ser proletario sem prole.

Alguma coisa podia pensar similhante a isto o nosso homem quando bateu á sua porta. — A mulher, que voava sempre a abrir-lh'a como se a meia legua lhe presentisse os passos, tarda d'esta vez: — redobram as argoladas; acode emfim, mas tão debilitada, tão frouxa no andar, e sumida na voz, que á sua vista o marido se perturba, e concebe um terror vago, que immediatamente cede logar á mais indefinivel suspensão: — a luz trémula da candêa lhe descobre que é pae. — A mulher na sua ausencia havia-se entretido em dar á luz uma linda creatura, de cuja existencia nunca entre elles houvéra a menor suspeita.

O amor paterno é muitas vezes tão fraco financeiro, como muitos dos financeiros mais acreditados: — a vista d'aquelle rostinho transformou todas as suas idéas: as graças, que até alli dava á Providencia, por não ter mais que a sua companheira, dá-lh'as agora centuplicadas e mais fervorosas por lhe ter enviado um companheirinho para ella, e um arrimo para a futura velhice de ambos: obriga a pobre mulher a tornar-se á cama; põe-lhe nos braços aquella cifrasinha animada de toda a sua ternura; reparte entre ambas as suas carícias, e mais glorioso do que se lhe acabassem de enviar uma patente de conselheiro, ou uma escriptura de doação dos fornos da cal, — sae correndo pela visinhança, dando parte da sua fortuna, e accrescentando com tom misterioso que — «havia muito que elle trazia suas desconfianças, mas que até-ver nunca lhes quizera fallar em tal.» — Corre a casa dos sogros, pedindo-lhes alviçaras, propondo-lhes que — «adivinhem de quê» — e não lhes dando tempo para adivinharem: é um segredo que o abafa, senão sae logo. — Já a casinha trasborda de gente, como nunca trasbordou de sopas a sua frigideira.

O nascimento de um filho é uma bençam. Entrou por aquella porta a abundancia: gallinhas, vacca, marmellada e até pães alvos: — é a qual melhor ha-de regalar a parida. — Passou-se a noite em festa: a creancinha e o parecido de todas as suas feições com as do pae, eram o thêma inexgotavel de todas as saudes: tudo n'ella era gentil para os ouvidos paternos, até o seu proprio chorar continha muito mais melodia que a *desgarrada*.

O dia seguinte foi ainda uma continuação d'aquella verdadeira noite de natal: na manhã porém do terceiro ..... (¿ que aconteceria na manhã do terceiro? — não ha ahi dramatisante capaz de o adivinhar. — É um desfêcho que nem Soulié, chronista do diabo o phantasiaria:) — na manhã do terceiro apparece o cabo de segurança, pedindo o recémnascido. Espanta-se e desespéra-se o dono da casa: — contribuição nos filhos, pelo menos d'aquella edade, ainda lhe não consta que se ponha. — Significa-lhe o cabo que — o seu filho, não foi sua mulher quem o pariu; que a mãe assiste nas pedreiras de Alcantara, e que, fundada n'um texto do direito romano, que nem ella nem elles sabem, mas que diz — que o parto segue ao ventre — o reivindica. — Depois de longas explicações, comprehendeu emfim o homem, que o seu filho não era seu filho, com o que, mais de metade da formosura, que lhe achava, se desvaneceu para logo: e a musica de que até alli andára encantado, reconheceu claramente, que não era mais nem menos do que um berreiro de creança.

Fôra o caso, que uma donzella, amiga de sua mulher, e moradora ahi para as pedreiras, havendo dado á luz o innocente, a mandou chamar a toda a pressa, e lhe pediu que lh'o fosse metter na roda: — recebendo nos seus braços ao recémnascido a boa mulher, como que sentíra entrar tambem para o seu peito o coração da mãe, e sem nada lhe dizer assentou para logo em o crear por filho seu, enganando piedosamente a seu proprio marido. — Sabedora da fraude a das pedreiras, e tão dura e tão bruta como ellas, recorreu á auctoridade do cabo para rehaver a sua propriedade, e fazer d'ella o uso que lhe approuvesse.

Ignoramos se a vista de seu filho, os seus vagidos dolorosos, o exemplo da depositaria tão virtuosamente infiel, a publicidade do caso, e o conhecimento, que d'elle teve a auctoridade, obrigariam ou não a repulsadora de suas proprias entranhas a desistir do seu barbaro projecto; dar-lhe o leite, que a natureza lhe não concedeu senão para aquillo; e expiar as suas duas offensas, a primeira contra a honra, a segunda contra a natureza, reconquistando a poder de amor o sagrado titulo de mãe.

ERRATUM.

Na pag. 262, col. 1.ª, lin. 32 — *depois da palavra* — riqueza — *accrescentem-se as seguintes* — propria de um excellente pintor.